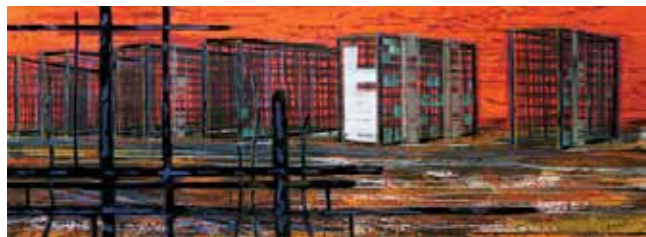


**ARQUITETURA** / A relação do mestre modernista com a capital francesa se intensificou a partir de 1964, quando ele partiu para o exílio. A convivência com artistas, poetas e filósofos, muitos comunistas como ele, influenciou não só a vida, mas os trabalhos do gênio brasileiro

# A Paris de Niemeyer



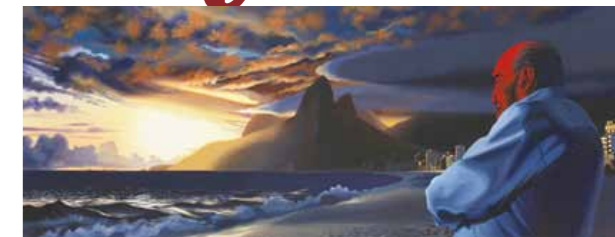
Jacques Benoit / "Construção! Ministères" 2010



Jacques Benoit / "A Ausência (The Absence)" 2013



Jacques Benoit / "Trois Traces d'Oscar - L'Humanité" 2005



Jacques Benoit / "Trois Traces d'Oscar - Rio" 2005

## O Niemeyer de Paris

>> HELENA MADER  
ENVIADA ESPECIAL

**CONCRETO E ARTE**  
A sede do jornal *L'Humanité*, nos arredores de Paris, é assinada por Oscar Niemeyer. Acima, obras do artista Jacques Benoit inspiradas no amigo.

Paris – De um lado, a repressão da ditadura militar brasileira, que transformou um arquiteto declaradamente comunista em inimigo público. De outro, a liberdade e o liberalismo da Paris dos anos 1960. Feitas, discussões existencialistas, debates aprofundados e sem censura nos cafés e nos boulevards. Logo após o golpe militar, o coração de Oscar Niemeyer se dividiu entre esses dois mundos opostos. Pressionado pelos militares, ele partiu para um exílio na França em 1964. Mas o deslumbramento com a boa vida parisiense era sempre confrontado com a dura situação brasileira enfrentada por seus camaradas. Essa dualidade marcou a temporada de Oscar fora do país e influenciou sobremaneira sua vida e seu trabalho. Na semana em que Paris recebe a maior exposição já realizada sobre Oscar Niemeyer fora do Brasil, o Correio refaz os passos do mestre modernista na capital francesa para mostrar como a Cidade-Luz influenciou a obra do arquiteto no pós-Brasília. E para revelar como Oscar se transformou em um ícone que ainda influencia gerações de parisienses encantados com a genialidade de sua obra. A exposição Brasília, meio século da capital brasileira, aberta ao público desde ontem na sede do Partido Comunista Francês, é uma homenagem ao maior arquiteto brasileiro de todos os tempos. O belo edifício ao norte de Paris foi seu primeiro projeto no exterior—e talvez um dos mais reconhecidos fora do Brasil. A temporada de Oscar na França foi frutífera: ele projetou construções nos arredores de Paris e em outras cidades francesas.

A Europa foi o destino natural de Niemeyer, ao perceber que a ditadura militar engessaria sobremaneira o seu trabalho. “Resolvi viajar para o exterior com as minhas mágoas e a minha arquitetura. Os que pretendiam me imobilizar deram-me, sem querer, a maior oportunidade de minha vida: levar para o velho mundo meu ofício de arquiteto, fazê-lo compreendida com suas formas mais leves e inesperadas”, revelou Niemeyer em sua autobiografia *As curvas do tempo*. O alto-astral da vida parisiense, entretanto, dividia espaço com as preocupações vindas do Brasil e com o



endurecimento da repressão dos militares. “Isso criava entre nós, em Paris, um clima de pessimismo intolerável.”

Oscar não chegou a ser duramente perseguido pelo regime militar. Mas teve que depor na polícia para explicar suas relações com personalidades consideradas subversivas, como Prestes. A ditadura cerceou ainda aquilo que era o mais importante para o arquiteto comunista: o seu trabalho. O projeto de Niemeyer para o Aeroporto de Brasília foi boicotado e vetado pelos militares, o que causou em Oscar um profundo desgosto. O episódio acelerou a partida para o exílio. Conhecido por seu pânico de avião, o arquiteto enfrentava sempre uma maratona de 10 dias de navio sempre que ia à Europa. Na partida para a França, não foi diferente. Assim que chegou a Paris, no fim de 1964, Oscar conheceu Miguel Arraes e reencontrou Heron de Alencar, um velho conhecido da Universidade de Brasília. O político cogitou ao lado de Oscar organizar uma revolução, pegar em armas. Dizia ter mais de 6 mil homens mobilizados em Pernambuco. O sonho revolucionário não foi para a frente, mas Arraes e Niemeyer voltaram a se encontrar tanto na capital francesa quanto na Argélia.

### Uma legião de fãs franceses

#### Personalidades

Em Paris, Oscar mantinha contato com grandes personalidades, como Sartre, que certa feita o convidou para um ato público de protesto. Já se conheciam de Brasília. “Admirava sua inteligência, sua posição invariável ao lado dos povos subdesenvolvidos, seu espírito de contestação contra os dogmas e preconceitos da burguesia”, comentou o arquiteto sobre o existencialista. Oscar gostava das atitudes subversivas do escritor, como o episódio em que Sartre apareceu nu em uma festa. “Uma atitude que entre nós seria um escândalo, mas que na França, em pleno surrealismo, nada tinha de mau.” Niemeyer também teve contato com o célebre poeta e dramaturgo francês Jean Genet, com quem almoçou algumas vezes no famoso café La Coupole. Entre os grandes amigos do Velho Mundo estava o então ministro André Malraux. Niemeyer atribuía a ele sua atuação na França e o interesse dos franceses por sua arquitetura. Graças a Malraux, o arquiteto recebeu uma autorização especial para trabalhar em Paris e, por conta dessa relação, Oscar foi escolhido

autor do projeto da cidade francesa de Grasse. “Como era bom conversar com ele (Malraux), ouvi-lo, discutir qualquer problema. Tão culto”, elogiava Oscar. Outro contato importante foi Raymond Aron, que patrocinou a candidatura de Niemeyer ao tradicionalíssimo Collège de France, com seleção semelhante ao da Academia de Letras. Faltava apenas marcar as entrevistas, mas Oscar largou o processo seletivo e não levou a candidatura à frente.

#### Comunista

O contato com o Partido Comunista Francês sempre foi próximo. Niemeyer teve total liberdade para conduzir o projeto da sede. E gostou muito do resultado. “A obra alcançou enorme sucesso, constituindo hoje um ponto de visita permanente.” Oscar não escondia o orgulho que sentia de seu projeto. Gostava de contar que até o ex-presidente francês George Pompidou, de direita, em almoço com arquitetos que faziam parte do júri para a escolha do projeto do Centro Pompidou, elogiou a obra. “Foi a única coisa boa que eles (comunistas) fizeram”, teria dito o ex-presidente, segundo relatos do arquiteto. Oscar ficou amigo dos integrantes do Partido Comunista Francês. “Não foi apenas o sucesso dessa obra que me ligou àqueles bons camaradas do partido, mas também a luta política, para nós mais importante que a arquitetura”, contou Niemeyer. Uma das grandes alegrias do arquiteto em Paris eram

as festas anuais promovidas pelo jornal francês *L'Humanité*, sempre nos meses de setembro. Oscar, ao lado de amigos, organizava o estande do Partido Comunista. “Como eram belas aquelas festas, três dias de alegria com milhares de pessoas abraçadas, solidárias, a percorrerem os estandes como se o mundo melhor estivesse começando”, relatou o arquiteto. A sede do jornal *L'Humanité*, nos arredores de Paris, próximo ao Estádio da França, também tem projeto assinado por Oscar. O brasileiro gostava dos modos do Velho Mundo, como se referia sempre ao continente europeu. Quando o prédio do Partido Comunista Francês ficou pronto, um camarada da legenda ligou para Niemeyer perguntando se podia levar com ele uma velha mesa de trabalho. “Quanta gentileza, quanto respeito pelo trabalho alheio. Quando ouviremos no Brasil uma coisa como essa?”, questionou Oscar, ao falar sobre o episódio anos depois.

#### Endereços

Niemeyer morou em dois apartamentos em Paris: primeiro, na rua François Premier, depois no Boulevard Raspail, mais ao sul da capital. O arquiteto gostava mais deste último endereço, que ele considerava autêntico, sem a multidão de turistas que lota outros pontos da cidade. De sua casa no Boulevard Raspail, Oscar frequentava lendários cafés que eram ponto de encontro de artistas e existencialistas. Esse universo era um dos grandes deslumbramentos do arquiteto.

“Gostava de Paris. Paris de Gide, Baudelaire, Malraux e Camus. Paris a lembrar revolução e liberdade. O velho Sena a correr tranquilo, indiferente à vida e aos homens. Os Champs Elysées com o seu calçadão, suas vitrines e cafés, suas lindas mulheres. Paris do Boulevard Raspail, onde vivi depois. Dos prédios de igual altura, das janelas altas e sacadas tantas vezes floridas. Paris de Sartre e Simone de Beauvoir, de Aragon e Nizan. Paris da Rive Gauche, por onde andaram Fitzgerald, Hemingway, Gris e Cocteau, da Rotonde, do Flore e Deux Magots.” Os palácios e parques, e a riqueza da vida intelectual, fizeram do exílio uma temporada que só agregou à vida e ao trabalho do arquiteto.

A saudade de casa era uma constante, apesar do deslumbramento com Paris. Um dia, na casa do maquetista e amigo Louis Dimanche, Niemeyer ouviu o samba A professorinha, de Ataulfo Alves. “Não sei por que, mas aquela música, tão brasileira, levou-me a pensar no meu país, nos amigos, na família distante, e, para embaraço meu, uma vontade imensa de chorar me invadiu. Disfarcei. Fui para a varanda e deixei o pranto correr, generoso.”

### A repórter viajou a convite do Partido Comunista Francês

#### ARTISTA

Jacques Benoit: “Foi um período rico para ele, que pôde conviver com existencialistas e com personalidades”

#### CAMARADA

Gérard Fournier: “Os contatos e amizades que (Niemeyer) fez aqui certamente mudaram sua visão de mundo”



Helena Mader/CB/DA Press



Helena Mader/CB/DA Press